

Introdução

O interesse pela questão do corpo, na contemporaneidade, associado às cirurgias estéticas, se deu a partir de um trabalho realizado em uma clínica de cirurgia plástica, na cidade de Curitiba - PR. Lá, acompanhava, como psicólogo, pacientes no pré e pós-operatório de cirurgia plástica estética e reconstrutiva. Esse último tipo de cirurgia era realizado em um menor número de pacientes, se comparado às cirurgias estéticas, que eram procuradas em larga escala. Após os seis primeiros meses dos dois anos em que lá estive, percebia no discurso bastante específico de mulheres que frequentam uma clínica de cirurgia plástica uma frase que, além de recorrente, ecoava em meus ouvidos: “agora que eu já tive meus filhos vou cuidar de mim, do meu corpo”. Nesse enunciado, para aquelas mulheres, naquele lugar, a feminilidade parecia estar em estreita ligação com a maternidade (Rodrigues & Novaes, 2011).

Quando eu já estava no primeiro ano do Programa de Pós-Graduação da PUC-Rio, percebi que “aquilo que eu já sabia que iria ouvir” das referidas mulheres – uma vez que seus motivos para realizar uma cirurgia estética era justificável aos meus ouvidos e eu não estava de todo errado – encobria uma outra questão com a qual me deparava naquela clínica e da qual naquela época ainda não me dava conta. Assim, entravam em cena as adolescentes que, na maioria das vezes que procuram por uma cirurgia estética, optam pelo implante de prótese mamária de silicone, tornando então esse tipo de cirurgia a mais cotada. No atendimento pré-operatório de meninas adolescentes, minha percepção se reduzia basicamente a três esferas, por assim dizer: a primeira, aquelas que estavam fazendo a cirurgia porque “uma amiga fez e o resultado ficou bom”; a segunda, porque a mãe já havia realizado sua cirurgia e agora era a vez delas; e por fim, a terceira, aquelas que simplesmente estavam ali para fazer a cirurgia e pareciam não saber muito bem o porquê, e justificavam por vezes “sentir vergonha de seus seios”, alegando serem muito pequenos.

“Sem saber”, a lógica por demais simples que regia meu pensar na época em que trabalhei na referida clínica era: se mulheres que já haviam vivenciado a maternidade procuram por uma cirurgia estética, já que desejam “recuperar” a

forma física de seus corpos anterior à gestação (Brazão, 2011), o que moveria meninas adolescentes, ainda com seus corpos em ebulição hormonal sofrendo suas transformações, a buscar aquele tipo de implante?

Escrever sobre o que poderia mover meninas adolescentes a procurarem por um implante de prótese de silicone, a partir da noção de corpo para a psicanálise em diálogo com o campo da cultura, não foi fácil. Isso porque a escrita me fazia desejar a palavra por ser inventada para falar daquilo que não havia como nomear. Porém, um nome escondido atrás da lua iluminava pela janela o teclado do meu computador. Esse nome era: mulher. E sobre o corpo delas no meu trabalho eu procurava escrever.

Nesse caminho, a composição do campo de pesquisa também revelou seus impasses. Recém-chegado ao Rio, não conseguia encontrar meninas adolescentes para falar sobre suas próteses de silicone. Nem dentre meus poucos conhecidos na cidade, nem em clínicas de cirurgia plástica. Muito menos, através do perfil que criei na rede social *Orkut*. De formal geral, meninas adolescentes, em redes sociais, não adicionam homens em seus perfis. Peitos siliconados parecem ser mesmo para serem mostrados, não para se escrever a respeito em uma dissertação!

Mas com o desenrolar do mestrado percebi que as adolescentes falavam, sim, sobre por que buscavam uma prótese de silicone. Sinal dos tempos, encontrei declarações de adolescentes sobre suas cirurgias na rede mundial de computadores, nos *blogs*, em artigos jornalísticos, na mídia em geral. O fato de encontrá-las falando sobre seus corpos, no espaço virtual, muito se assemelha para a psicanálise à noção de imagem corporal como aquela que não conseguimos ver a olhos nus. Entrevia meus sujeitos de pesquisa no limite do demonstrável, da mesma forma que, quando estamos diante do espelho, a imagem de nosso corpo ali refletido não se encontra totalmente lá. Algo dela nos escapa ao mesmo tempo em que nos constitui.

Então, com o recurso à noção de corpo como aquele que é dotado de uma historicidade, recorreremos aos recortes discursivos de meninas adolescentes sobre suas próteses de silicone, para ter notícias da imagem corporal a que seus corpos poderiam estar atrelados. Na tessitura dessa escrita, fios soltos não fizeram ponto, e outros pontos talvez possam ser desfeitos.

Introduzido o tema, o segundo capítulo deste trabalho pretende estabelecer um traçado sobre o corpo no campo da cultura. O recorte escolhido, que já aparece em seu título – “O primeiro silicone a gente nunca esquece”: do implante de prótese mamária em meninas adolescentes –, é uma alusão explícita à campanha publicitária “O primeiro Valisère a gente nunca esquece” (Morais, 2005), que ficou largamente conhecida, no Brasil e fora dele, nos idos dos anos 80. Tal paráfrase nos remete a um dos estatutos conferido ao corpo feminino em voga na contemporaneidade, a saber, a crescente procura, por parte de meninas adolescentes, pelo implante de prótese mamária de silicone.

Assim, buscamos em Brazão, Goldenberg, Novaes, Vigarello, Vilhena, Rocha e Sant’Anna, a fundamentação para traçarmos o panorama da beleza feminina na cultura ocidental e, evidentemente, no Brasil na atualidade. Tendo nossa pesquisa a interface com as cirurgias estéticas e sendo essa uma técnica aplicada ao corpo, recorreremos a Mauss – com sua noção de técnica corporal, a qual nos servirá como base para as articulações com os trabalhos de Le Breton sobre a manipulação dos corpos no campo da sociologia.

A exemplo de Mauss, pode-se dizer que a prótese de silicone faz parte da mais moderna técnica corporal a ser usufruída por meninas adolescentes, uma vez que elas agora participam dos padrões de beleza para o corpo da mulher adulta, encontrando-se aprisionadas, “na justeza das [suas] próprias medidas [em que] o status do corpo é adquirido através de sua jovialidade, beleza e da aparência de felicidade”, como apontado por Vilhena, Medeiros e Novaes (2005, 2008).

Logo, o objetivo deste trabalho foi lançar possíveis leituras para o que poderia mover meninas adolescentes a procurarem por um implante de prótese de silicone. Assim, no terceiro capítulo, interessava-nos saber como esse movimento poderia ser lido sob a ótica do corpo representado – também chamado de corpo histórico – em articulação com o que hoje conhecemos como o enfraquecimento da função paterna nas ditas sociedades patriarcais. Isso porque a instituição do corpo histórico depende justamente da lei paterna, ou seja, da operação do recalque a organizar as pulsões no humano, levando-o à sua passagem do campo da natureza para o da cultura. É, pois, justamente, nessa passagem, nesse interstício, que se funda a noção de psiquismo, que tem como consequência, a instituição do conflito psíquico para o humano em Freud. Dessa maneira, André, Birman, Foucault, Lacan, Rudge são os principais autores nos quais buscaremos

fundamentação para nossas articulações. Medeiros também nos auxiliará com suas considerações sobre o sujeito feminino e a estética.

Foi prioridade a abordagem da noção de corpo histórico, pelo fato de que, dentre as psicopatologias, a histeria é aquela que se expressa em uma imagem de corpo que irá se apoiar na estrutura orgânica desse corpo. Se o implante de prótese de silicone participa do discurso científico contemporâneo, que recursos então a psicanálise poderia nos fornecer para uma leitura do movimento de meninas adolescentes a buscar esse tipo de procedimento cirúrgico? Qual seria o conflito expresso como sintoma de um corpo histórico, que levaria uma adolescente a marcar seu corpo com uma prótese, justamente quando o projeto de sua cirurgia parece estar longe de lhe causar alguma espécie de angústia?

Seriam as transformações corporais, a que hoje assistimos na cultura, partícipes dos novos arranjos que estariam se dando na base da constituição do corpo histórico a partir do enfraquecimento da função paterna? O sociólogo francês Alain Ehrenberg se pergunta se a depressão que estaria assolando o humano no final do século XX não seria uma nova peça que estaria sendo pregada pela histeria, da mesma forma que a clássica cena histórica do final do século XIX. Assim, nós nos perguntamos: não seria a noção de corpo histórico que estaria hoje a nos pregar uma nova peça? A questão é pertinente, pois parece não haver nada de depressivo na imagem retratada pela corrida em se responder à demanda vigente, em nossa sociedade, de se ter um corpo perfeito, que acuse seres saudáveis, portanto, felizes, que têm como produto final seu próprio “bem-estar”.

A depressão, para Ehrenberg, seria efeito das transformações ocorridas no campo da individualidade a partir da queda do modelo disciplinar. Em sua primeira hipótese para a depressão, ele afirma que o indivíduo, com o esmaecimento das “regras de autoridade”, teria como nova norma a disciplina e a iniciativa, ou seja, a total responsabilidade sobre sua vida. Assim, tendo como pano de fundo a patologia da insuficiência de Janet, o autor afirma que restaria ao indivíduo o pesado fardo de se tornar ele mesmo. Já a segunda hipótese está calcada sobre a noção do declínio do conflito psíquico de Freud. Se não há mais nenhuma lei externa a dizer ao humano quem ele deveria ser, a fronteira entre o proibido e o permitido esgarçaria também a noção de recalque. Isso colocaria em

xeque a noção de corpo histórico, e nossa leitura para o projeto prótese de silicone em meninas adolescentes perderia sua força.

Com Ehrenberg, nos perguntávamos se o indivíduo do final do século XX estaria deprimido por conta da destituição das normas que o deixaram sem referências, reeditando na atualidade sua depressão pelo viés das transformações corporais como tentativa de manter-se fiel ao projeto de tornar-se ele mesmo. Se pensarmos com Kehl (2009, p 193-194), parece que não, pois, para a autora, “o depressivo é incapaz de corresponder aos desígnios [...] regidos pelo imperativo da felicidade”. Isso parece ser justamente o que não acontece no caso das adolescentes.

A partir do enfraquecimento do recalque, abririam-se ainda mais as comportas para o desmedido pulsional, esse excesso não abarcado pela bordas da representação que, na contemporaneidade, talvez esteja retratado pela gama de opções para os cuidados com o corpo e um “tudo posso” sobre ele, incluindo-se aí o implante de prótese de silicone. Se o excesso é o que escapa da lógica da representação, é plausível, então, que o indivíduo esteja cansado de procurar por ele mesmo, por algo que o represente.

Esse cenário contemporâneo até aqui exposto fez com que nos lançássemos ao século XVIII. Nele encontramos uma possível correlação com o estágio de medicalização da vida que alcançamos nos dias atuais. Naquela época, o iluminismo produziu duas linhas de pensamento: a primeira delas, representada por La Mettrie, trazia com o materialismo biologizante, bastante afinado com nossos dias, um corpo orgânico saudável que determinaria a vida do homem, a sua felicidade; já a segunda linha, representada por Diderot, trazia o homem determinado pelo seu meio, em que as transformações das relações em sociedade mudariam sua condição existencial.

Se a escola de La Mettrie vem nos visitar nos dias de hoje e faz hora na sala de estar, dando-nos a velha boa nova de que a felicidade está no sensível, em um corpo saudável, isso talvez se explique pelo fato de aí haver encontrado um espaço vazio: com efeito, já faz algum tempo que o investimento na transformação das relações sociais preconizado por Diderot foi evacuado daquela sala de estar para ocupar um modesto lugar na despensa dos nossos tempos. Se “não há mais ideais” pelos quais possamos lutar no campo social, parece então que nossas adolescentes têm pela frente a árdua tarefa de criar, de produzir uma

outra adolescência – “siliconada ou não” – que possa usufruir daquilo que o dispositivo tecnológico lhes proporcionou.

Por fim, o quarto capítulo foi constituído por um campo de pesquisa elaborado com declarações – coletadas na mídia, em artigos jornalísticos, redes sociais e *blogs* – de meninas adolescentes que se submeteram ou iriam se submeter ao implante de prótese mamária de silicone. Lançando mão do agrupamento de temas, dentro das declarações selecionadas, foram instituídas categorias de análise. A partir dessas se realizou um diálogo transversal com as articulações tecidas nas segunda e terceira partes desse trabalho, com o intuito de apresentar possíveis leituras para o que pode mover meninas adolescentes a procurarem pelo procedimento cirúrgico.